



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

A mulher do tempo presente: a luta pelo seu espaço na história

Danubia Faria De Almeida¹

Resumo: Entre o longo período de invisibilidade feminina e a forma como se destacam hoje na sociedade, reflete muito sobre o seu lugar na historiografia. As mudanças ocorridas a partir da escola de Annales fizeram surgir “novos sujeitos”, partindo de uma análise do cotidiano popular, dos oprimidos, dos silenciados. A partir de uma perspectiva de análise do tempo presente, poderemos analisar como se deu o processo de tomada de lugar da mulher na sociedade, como um ser atuante e presente no seu tempo. Diante de um embasamento estrutural, teórico e metodológico dos grupos feministas, foi possível questionar as opressões das sociedades patriarcais.

Palavras-chave: História, Estudos de Gênero, Feminismo, Tempo Presente, História Comparada.

They have a voice: the women's liberation movement

Abstract: Between the long period of female invisibility and the way they stand out today in society, it reflects a lot about their place in historiography. The changes that took place from the Annales school gave rise to “new subjects”, starting from an analysis of the popular daily life, of the oppressed, of those silenced. From a perspective of analysis of the present time, we will be able to analyze how the process of taking the place of women in society, as an active and present being in her time, took place. Faced with a structural, theoretical and methodological basis of feminist groups, it was possible to question the oppressions of patriarchal societies.

Keywords: History, Gender Studies, Feminism, Present Time, Comparative History.

Introdução

Marc Bloch deu uma definição simples ao conceito de história como “ciência dos homens no tempo”. Essa definição pode ser usada de forma adaptável ao sexo, definindo a história das mulheres como “a ciência das mulheres no tempo”^{II}. Apesar de hoje em dia a história das mulheres seja algo mais evidente, e até mesmo impossível de imaginar uma história sem elas, a algumas poucas décadas atrás seria difícil encontrar relatos sobre sua influência – tanto na esfera pública quanto privada – que contribuíssem para a construção da história da humanidade.

A luta pelos direitos iguais e reconhecimento da mulher como Sujeito, se tornaram um dos importantes eventos da história contemporânea. Esse artigo visa reconhecer a mulher como nova protagonista da história; através de um resgate da memória, da presença da oralidade como fonte histórica e da relação do passado e presente como uma ponte para o futuro, a mulher se encontra no tempo presente como ser atuante a participativo da sociedade em que vive. Visando

ALMEIDA, D. F. DE

sair da invisibilidade do passado, a mulher passa a conduzir um conjunto de questões e reflexões metodológicas importantes.

Como parte das inovações da contemporaneidade, a História do Tempo Presente surge como um novo modelo de análise histórica. Com objetivo de cumprir as necessidades sociais e atender as exigências históricas, a HTP proporciona uma possibilidade de encontrar metodologias e técnicas capaz de descobrir histórias de sujeitos ocultos e/ou silenciados.

“Pouco depois de iniciar a desmontagem do sistema socialistas, cientistas políticos estavam interessados no surgimento da nova institucionalidade, [...] sociólogos políticos concentrou sua atenção no surgimento de novos atores sociais e políticos. A maioria dessas obras, inspiradas em suas próprias disciplinas, eventos de interpretação sugerida nesta parte da Europa como uma ruptura com a velha ordem. Nesse sentido, a nova institucionalidade, a pluralidade de atores e o surgimento de economia de mercado foi uma demonstração clara de que o passado, mesmo o mais imediato, definitivamente ficara para trás.”^{III}

O trabalho de conscientização e conhecimento sobre a nossa realidade é fruto de um levantamento histórico sobre nossas condições, envolvendo uma análise sobre o passado e presente da nossa realidade. A História do Tempo Presente contribuiria para um conhecimento da história das mulheres, favorecendo das novas maneiras de se escrever e fazer história, fazendo críticas aos métodos epistemológicos tradicionais e conduzindo a história a uma nova direção.

Ao contar sua história, as mulheres possibilitam um entendimento com o passado, e que acaba por proporcionar uma análise crítica quanto as incertezas do seu presente e do seu futuro. Afim de dar o reconhecimento as lutas e os pensamentos das experiências femininas, seja da vida individual ou coletiva, as mulheres possibilitam com que sua história saia do anonimato. Afim de utilizar desses avanços a favor da mulher, a contemporaneidade foi capaz de proporcionar um espaço aos que não tinham.

As mulheres desenvolvem interesse em se incluir nos campos em que haviam sido excluídas. Trabalharam na criação de representações que permitiriam considerar as mulheres como iguais aos homens. Questionam as representações, as imagens, as ideias e posições desenvolvidas por uma teoria cartesiana, onde há a predominância do homem como único Sujeito, o absoluto. No lugar de serem excluídas ou silenciadas pelas teorias patriarcais, as mulheres se incluem como sujeito e, ao mesmo tempo, objetos de investigação.

O resultado dessa busca pela identidade foi capaz de proporcionar as mulheres uma nova posição na sociedade em que vivem. Atualmente (digamos que nos últimos 50 anos), as mulheres se encontram mais presentes nas áreas políticas, econômicas, esportivas, tecnológicas e científicas, assim também como garantiu avanços na luta pela emancipação feminina e contra a violência à mulher. Nesse processo, podemos identificar a forma de atuação do feminismo dada em três ondas, que se destaca desde o sufrágio, passando pelo feminismo contemporâneo e o, hoje conhecido, cyber ativismo feminista.

O passado constrói a mulher do presente

As mudanças ocorridas na historiografia a partir da escola dos *Annales*, foi um importante colaborador no surgimento de “novos sujeitos” da história, pois parte de um

ALMEIDA, D. F. DE

cotidiano da história popular, dos oprimidos, dos silenciados. François Bédarida, primeiro diretor do Instituto de História do Tempo Presente, criado em 1978 na França, anuncia as mudanças epistemológicas que ficaram marcadas por uma busca ansiosa pela identidade, colocando em crise os padrões das ciências sociais, e resgatando a história e a memória como principais objetivos da nova historiografia.^{IV} Através dessa nova forma de análise histórica, foi possível ingressar temáticas da nossa atualidade, incluindo a realidade de grupos, anteriormente, excluídos e/ou silenciados.

Ao analisarmos o passado e o percurso da humanidade, nos deparamos com um espantoso e duvidoso silêncio feminino na história. A pergunta que precisa ser feita é: Onde estaria a presença feminina na construção da história da humanidade? Onde estaria as mulheres quando os seus pais e maridos discursavam sobre política, ética, moral e ocuparam importantes posições contribuindo na formação de uma história da humanidade? De certa forma, devemos nos questionar porque há ausência dessa participação feminina, uma vez que, a mulher representa metade da população mundial e é atuante na sociedade.

Como uma espécie de gêneses dos estudos de gênero, o questionamento sobre o silenciamento e ocultamento de um passado feminino se torna o início de um processo analítico que foi capaz de proporcionar a mulher um espaço na sociedade em que vive. Sempre associada a um papel secundário, a pesquisa feminista surge com a intenção de resgatar a história feminina e reavaliar as influências e a ação da mulher na sociedade, assim como a coerência da sua “cultura” e a presença do seu poder.^V

Diante de um desejo análogo de ir contra as perspectivas historiográficas tradicionais, afim de apresentar a presença real das mulheres na história do tempo presente, encorajou os esforços dos historiadores nos últimos anos. Diante das circunstâncias que ocasionaram o rompimento com as “verdades absolutas”, a subjetividade surge para questionar os paradigmas universais e homogêneos das ciências sociais tradicionais. Essa subjetividade inclui o ponto de vista do historiador e sua apreciação pela realidade, que se apresenta através dos próprios sujeitos da história. Esses avanços significaram romper com estruturas tradicionais e retornar às instâncias de um saber secundário, de um saber esquecido, das mulheres, do presente.

O autor François Dosse, no texto *História Do Tempo Presente E Historiografia*, afirma que a história do tempo presente exige do historiador essa reflexão subjetiva, ou seja, reconhecer no historiador seu papel de enunciador, responsável pelo direcionamento da sua investigação. Essa subjetividade, publicamente assumida, contribui para uma virada historiográfica, fazendo o historiador renunciar uma postura de domínio, que, tradicionalmente, o permitiu acreditar no poder de “fechar” os registros históricos. Desta forma, o historiador é convidado a uma nova abordagem, se tornando mais atencioso às indeterminações dos fatos e a importância dos seus traços. A subjetividade seria capaz de nos proporcionar o conhecimento de um passado que ainda se apresenta através de uma visão contemporânea. Ou seja, o propósito consistiria em transversalizar a historialização, tratando desde os primeiros sinais o evento histórico.^{VI}

Nesse novo mundo epistemológico que surge, emergem novas identidades culturais, sexuais e sociais, buscando afirmações, derrubando tabus, ocupando espaços públicos e abrindo críticas as velhas incertezas e práticas sobre o conhecimento humano. Com a banalização da existência de uma “verdade absoluta”, a história do tempo presente trabalha com a consciência de que a verdade dependeria da forma como os vestígios documentais chega até o historiador e o espírito com que o historiador a reconstrói. Desta forma, a integridade da história depende diretamente da relação de reciprocidade entre o sujeito e o objeto; passado e presente.^{VII}

ALMEIDA, D. F. DE

Por conseguinte, cria-se um caráter provisório dos conhecimentos, capaz de se legitimar diante dos discursos que podem ser assumidos pelos próprios sujeitos da história^{VIII}. Deixa-se de lado os grandes feitos e heróis das tradições historiográficas e passa a demonstrar a historicidade de sujeitos que até então estavam invisíveis na sociedade, abrindo espaço para o processo de reconhecimento da mulher Sujeito da história.

A história das mulheres surge com um forte propósito de contribuir na identificação e expansão de conhecimento sobre os novos fatos do passado. As mulheres se encontram situadas como sujeitos sociais ativos, inseridas em contextos históricos concretos, capazes de despertar o interesse dos historiadores. Sua história se encontra fortemente ligada com a história de um movimento social, construídos a partir das convicções feministas em prol do objetivo de transformação e ação na vida das mulheres.^{IX} Podemos afirmar que o movimento social feminino contribuiu para identificar e expandir nossa compreensão sobre novos fatos do passado, acrescentando informações sobre nossos conhecimentos históricos.

Segundo Louise A. Tilly, para que se torne possível uma análise da história das mulheres, os historiadores se apoiam nos estudos da vida das mulheres do passado, nas especialidades passadas, como: o levantamento demográfico para estudar os dados civis, ocupações e migrações; a história econômica para o levantamento econômico; a história social para análise dos processos estruturais como a profissionalização, a burocratização e a urbanização; a história das ideias como modo crítico dos textos; e a história política para os conceitos relativos ao poder.^X

Essa busca pelos “vestígios” da história da mulher se deu no período contemporâneo, na tentativa de reconstruir o quebra cabeça de um passado feminino. Essa junção de peças foi capaz de trazer a mulher como protagonista da história. Michelle Perrot, historiadora e contribuidora fundamental da história das mulheres, afirma que a ausência de registros e relatos contento a participação feminina causou sua exclusão da história, uma vez que, o instrumento principal do historiador envolve diretamente a existência de fontes. A narrativa da história tradicional reservou pouco espaço para as mulheres, uma vez que os registros históricos não consideravam eventos privados capaz de destacar o cotidiano e realidade feminina.^{XI}

Os procedimentos de registros da qual a história tradicional faz uso, são resultados de uma seleção que privilegiaria o cenário público, como: a política, a guerra, a economia, entre outros campos de “verdadeiros valores” e detentor do poder, onde as mulheres não se encontravam. O século XIX se torna um lugar sexuado, onde o mundo público, econômico e político, se apresenta reservado aos homens, sendo esse o verdadeiro interesse da história. O “ofício do historiador”, tradicionalmente falando, é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Já as mulheres aparecem como ornamentos, atrizes da sua própria realidade, e se apresentam de forma disciplinadas pela moda, responsável por designar seu comportamento, roupas e atitudes, como é o caso das mulheres burguesas. Já as mulheres do povo são registradas de maneira vulgar e pertinentes à época, detentoras de algazarras com comerciantes ou contra proprietários, na defesa dos seus interesses.^{XII} Sob esse olhar histórico de homem sobre homem, as mulheres se tornam, ora silenciadas, ora subestimada.

Perrot levanta a questão sobre a exclusão e o silêncio imposto pela sociedade que tornou a mulher invisível no meio em que pertence. No entanto, as mulheres estiveram presentes na história, mas de maneira diferente dos homens. Seus registros de pensamentos, ainda que difíceis de achar, se deram através de cartas, diários e documentos, que estariam ligados às suas condições, seu lugar na família e na sociedade^{XIII}.

“O volume e a natureza das fontes das mulheres variam consequentemente ao longo do tempo. Eles são por si mesmo índices

ALMEIDA, D. F. DE

de sua presença e sinal de uma tomada da palavra que se amplia e faz recuar o silêncio, as vezes tão intenso que chegamos a nos perguntar: Uma história das mulheres seria possível?”^{XIV}

O volume e natureza de fontes das mulheres, e sobre as mulheres, tiveram suas variações ao longo do tempo. Através dessas fontes, onde muitas fogem aos padrões modernos aceitos como válidos na história, passaram a ingressar como legítimas na formação de uma história feminina. Michelle Perrot afirma que se faz necessário considerar outros usos de fontes, assim como deve se buscar, ler diferentemente e “ouvir” através de fontes orais^{XV}, assim como a proposta da história do tempo presente sugere.

“Enfim, o feminismo desenvolveu uma imensa interrogação sobre a vida das mulheres obscuras. Torna visível, acumular dados, instituir lugares da memória (arquivos de mulheres, dicionários...) foi uma das preocupações de uma história das mulheres em plena expansão nos últimos quinze anos. E na falta de testemunhos escritos, buscou-se fazer seguir o testemunho oral.”^{XVI}

Passados muitos anos, as narrativas dos “novos protagonistas” da história ainda se fazem alheios. Na falta de testemunho escritos, a história das mulheres contou com testemunhos orais. Uma busca analítica sobre o papel da mulher nos acontecimentos públicos, como o cotidiano de ação das mulheres, foi considerada como fonte, assim como a sua existência particular na sociedade.

A invasão das vozes femininas em lugares, que até pouco tempo eram proibidos, faz parte das inovações do século XX. Ainda que exista alguns lugares onde as vozes das mulheres ainda se encontrem silenciadas, e no que diz respeito ao passado, existe um “oceano de silêncio”, podemos nos atentar as partes desiguais dos traços, da memória, e da História, que fez com que as mulheres fossem esquecidas, como se elas estivessem fora do tempo, ou no mínimo fora do acontecimento.^{XVII}

A memória se torna a matéria prima da história, pois é a própria realidade marcada por elaborações, interpretações feitas por sujeitos de forma subjetiva. Podemos constatar que não haveria um futuro na história das mulheres sem uma excessiva busca da memória, pois sem ela se tornaria impossível construir e proteger uma identidade feminina.

“A dialética da História e da memória ajudou a inculcar mais verdade na fidelidade, suscitando o necessário trabalho da memória e a construção de uma história social da memória coletiva. A ambição é ter sucesso com mais verdade, processo possibilitado pela História de construir uma memória compartilhada, isto é, mais “pacífica”.^{XVIII}

Podemos afirmar que, a história passa a surgir com um novo objeto: as mulheres. Além dessa tomada de informações e levantamentos que podemos fazer diante de arquivos e registros, foi possível identificar as práticas de uma memória feminina através de documentos que, inicialmente, não tinham as mulheres como foco de um interesse histórico. Podemos identificar um lugar crescente da memória em conexão com a noção de história do tempo presente. Não há futuro para as mulheres sem um árduo exercício arqueológico da memória, pois na ausência dela não se torna possível construir ou identificar uma identidade. A intenção contida na História do Tempo Presente consiste em considerar o passado como uma história ainda viva, fazendo o passado através da narração e da experiência dos indivíduos.^{XIX}

Desta forma, as mulheres se tornam sujeitos sociais ativos, que se encontram em contextos históricos concretos, onde suas vidas, enquanto membros da família, trabalhadoras, membros de organizações ou de movimentos sociais, desperta a atenção tanto de historiadores

ALMEIDA, D. F. DE

quanto de não-especialistas. Faz retomar o interesse das pessoas comuns do passado – causador da história social – em direção as mulheres e suas relações sociais, econômicas e políticas. Para isso, se utilizam melhor dos arquivos individuais e dos testemunhos orais. Através de uma conscientização da utilização dessas fontes foi possível compreender que, quanto se trata de testemunhos individuais, o desafio se torna razoavelmente fácil; irá depender do período a ser estudado (a história oral sendo possível somente nos últimos 80 anos), da classe social (cartas e memórias sendo encontradas na classe média e superior) e do país (dependendo do nível de escolaridade encontrada, da consulta dos arquivos oficiais e ouvir as vozes do passado).^{XX}

O resgate da memória, o reconhecimento de outras fontes e/ou voltadas para os registros que garantem a existência da mulher na história, para o encontro da mulher com sua identidade. As necessidades de rápidas respostas às suas múltiplas preocupações, vai além das atenções que devemos dar ao nosso passado, mas também existentes no nosso presente imediato. A indispensabilidade de conhecimento sobre a realidade do nosso tempo, nos leve a agir de forma analítica sob o processo que se dá e do conhecimento que nos permitiria localizar o nosso presente através dos tempos: passado, presente e futuro.^{XXI}

Mais do que uma lembrança do passado, a interação do passado com o presente foi capaz de discutir as padronizações culturais e coletivas construídas a partir das representações de gênero, que partem dos sujeitos que definem quem deve ter voz e os que não tem voz, como é o caso das mulheres. Por muito tempo houve uma dificuldade da mulher se retratar ou se ver na primeira pessoa do singular, onde toda a cultura e educação estaria voltada por conveniência da sua insignificância. Através de uma resistência e necessidade de libertação, foi possível ir contra esse silenciamento; por meio da luta por um reconhecimento como sujeito da história.

O sujeito mulher: nasce uma teoria feminista

Ao tentar tomar as rédeas da sua própria história, as mulheres buscam ser incluídas como objetos de investigação. A família, a sexualidade, sua vida privada ou doméstica, devem ser considerados assuntos relevantes, capaz de despertar o interesse intelectual. Assim como a disciplina histórica foi capaz de revelar a vida e história dos homens, espera-se que também consiga atender as necessidades femininas, através de discursos teóricos que desvendem com clareza e detalhes a vida da mulher.

Mesmo com fontes, documentos, entre outros registros históricos comprobatórios de um passado, o lugar de fala ainda se torna essencial. A atualidade requer que a teoria histórica seja discutida mediante as necessidades do presente. Diante das rápidas mudanças da sociedade, os principais fatores reveladores de uma história do tempo presente, está: a exigência histórica e a necessidade social^{XXII}. Assim como os demais assuntos contemporâneos foram passíveis de debates e investigações históricas, o avanço da presença das mulheres de forma atuante na sociedade também se tornou pauta de análise da nossa atualidade. Parte do processo construtor de uma memória individual e coletiva requer, também, o envolvimento da história com as demais ciências, como: antropologia, ciências políticas e sociologia, afim atender a essa expectativa social.^{XXIII}

A análise do tempo presente se favorece, essencialmente, dessa multidisciplinaridade; e podemos incluir a filosofia na intenção de contribuir na forma argumentativa e analítica necessárias a formação de uma teoria feminista, em prol da construção de uma identidade feminina e a derrubada da visão cartesiana promotora do patriarcado. O século XX foi, sem

ALMEIDA, D. F. DE

dúvidas, o período pioneiro nos avanços de racionalidade e autonomia feminina, afim de buscar sua identidade e *status* social.

A crítica feminista à modernidade surge com o propósito de analisar, de forma emergencial, o discurso feminista em um cenário político-cultural de predominância masculina. Esses estudos mostram que, através da busca por seus direitos, as mulheres procuram promover uma imensa crítica cultural que questionaria os valores do Sujeito, da Razão e do Conhecimento e direcionariam para a valorização de uma cultura feminina. A crítica ao modernismo aproxima a prática feminista do pós-modernismo, que tem a proposta de desconstrução dos tradicionais sujeitos históricos, político e social promovendo a análise dos grupos excluídos historicamente.

A produção histórica e filosófica foi capaz de identificar a mulher para além das suas características biológicas. Como seres existentes socialmente, as mulheres foram submetidas às regras sociais e costumes, crenças e opiniões oriundas de uma estrutura de poder. Para o historiador, em função da sua constante estruturação social, identifica que “as mulheres vivem e atuam no seu tempo”^{XXIV}.

Através do princípio básico do *existencialismo* – uma corrente de pensamento que se destacou, principalmente, através de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir durante o século XX – Beauvoir pretende evocar a conscientização da mulher sobre sua realidade e espaço que ocupa na sociedade. Na obra *O Segundo sexo*, de 1949, considerado um marco na história do feminismo, Simone utiliza desse princípio para que as mulheres saiam do comodismo e submissão para se conscientizar que a compreensão e entendimento do ser feminino em uma sociedade se faz através de uma influência cultural e social.

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, defina a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado, que qualificam o feminino. Somente a mediação de outrem pode construir um indivíduo como um *Outro*.”^{XXV}

Através do estudo da sociedade desenvolvido por Beauvoir, a autora desvendaria a maneira como as mulheres foram associadas a uma imagem de fragilidade e subserviência. A mulher, como afirma Beauvoir em sua obra, seria o *Outro*, existente enquanto condição imposta da existência: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o *Outro*”^{XXVI}. A exclusão das mulheres implicaria na hostilidade de consciência de lidar com o *Outro*. A obra de Beauvoir abriu caminho para o avanço dos movimentos feministas, principalmente a partir dos anos 1960 e 1970, se tornando referência nos estudos sobre mulheres e posteriormente, das relações de gênero.

A autora faz um apanhado histórico que inclui desde a consciência biológica do que é ser mulher, até a construção do que é ser mulher no século XX, analisando as jovens, as mães, as casadas, as prostitutas, as lésbicas e as amorosas. A autora convoca as mulheres a questionarem sua própria condição feminina da época. Sua principal intenção não seria criar verdades absolutas, mas descrever o percurso da existência feminina que fosse capaz de conscientizar sobre os valores e comportamentos que super valorizavam o homem e desvalorizando a mulher, adequando-as ao lugar de *Outro*.^{XXVII}

Apesar dessas designações da função da mulher e as limitações a nós estipuladas, as mulheres avançaram e se permitiram sair dessa zona funcional referente à sua “natureza”. Essa conscientização se tornou primordial, essencialmente na década de XX, onde a reflexão da existência feminina e as atribuições feitas às mulheres com a justificação das diferenças biológicas se tornou motivo de uma possível limitação intelectual. Fazendo acreditar que sua

ALMEIDA, D. F. DE

função/capacidade estaria voltada somente com a função de mãe e esposa, se tornou o foco para derrubada do estereótipo da natureza feminina e, conseqüentemente, o incentivo das mulheres ao alcance de novos horizontes.

Apesar de séculos na posição de subordinada, as mulheres nunca deixaram de confrontar tal condição e com isso as diversidades femininas encontraram no feminismo alicerce na luta por igualdade de direitos e *status* social frente a sua condição social. Apesar dessa participação, seu papel era sempre representado como secundaristas, de prestígio e *status* social menores, sempre ligadas aos cuidados, educação assistência social, nas ocupações que foram relacionadas as identidades femininas. Nesse contexto que foram determinadas as funções destinadas, ou não, a mulheres, definidas como “trabalho de mulher”, ocasionando objetivos de investigação e problematização deste campo de estudos, levantando a questão discussões dos interesses, dificuldades e necessidades das mulheres.^{XXVIII}

Partindo de um passado de negação e silenciamento, que a história das mulheres passa a tomar impulso. Com apoio da chegada do feminismo e com as contribuições das renovações epistemológicas das ciências sociais, como o apoio das novas pesquisas sobre a memória popular, as mulheres passam a se utilizar de uma vasta produção intelectual em defesa dos seus interesses e lutas. O campo historiográfico foi importante para legitimar as discussões sobre categorias de gênero, busca pela identidade e conscientização da subjetividade histórica em relação ao passado e ao presente da mulher. Uma análise sobre os discursos impostos pela sociedade e a luta pelo espaço da mulher nessa nova construção social, nos traria revelações e contribuiria para a formação de uma sociedade mais igualitária e generosa para ambos os gêneros.

O presente como ponte para o futuro

A história que se escreve hoje passará por sucessivas e inevitáveis reelaborações em cada contexto futuro. Esse processo histórico não invalida a escrita do presente, mas contribui na sua utilidade no processo de construção das identidades. A relação com o passado muda a partir da nossa busca pelo seu conhecimento, trazendo superação às incertezas do futuro.^{XXIX}

Com base nas necessidades de respostas, o tempo presente, em conexão com o passado, se torna como um “vão” entre o passado e o futuro. A função do presente consistiria em revelar como a história pode ser descontinuada, servindo até mesmo como um novo início.^{XXX} Afim de trazer mudanças ao futuro das mulheres, o presente se tornou um ponto nesse processo de transformação.

De forma lenta, as mulheres começam a se destacar em cenas públicas a partir do século XIX. Os espaços, aos poucos, se dividem entre espaços masculinos, femininos e mistos. A mulher se faz mais presente na sociedade e toma os holofotes em episódios públicos, afim de provocar mudanças na sua história. A partir da sua realidade, a mulher inicia um processo de avanços afim de buscar um futuro mais promissor e favorável ao seu gênero.

“O que é recusado às mulheres é a palavra pública.”^{XXXI} Por trás do silenciamento feminino há o interesse de monopólio do poder. As mulheres não falam, não emitem opiniões sobre políticas, do jeito “como as mulheres devem ser”^{XXXII}. E foi, justamente, através de uma organização política que a mulher soltou a sua voz, através do domínio do seu discurso e da sua imagem pública.

ALMEIDA, D. F. DE

O megafone se tornou um dos principais instrumentos capazes de dar voz as mulheres. Seu primeiro destaque como movimento de luta às causas femininas se deu no episódio que ficou conhecido como a Primeira Onda do Feminismo, que se deu entre meados do século XIX e início do século XX durante a Revolução Francesa. Esta primeira onda do feminismo ficou conhecida pelo seu movimento social, que teve por objetivo a luta pela igualdade de direitos e *status* social entre homens e mulheres. Concentra-se, especialmente, nas reivindicações de direitos políticos, sociais e econômicos; direito a educação em todos os níveis, melhores condições de trabalho e, essencialmente, salário.^{XXXIII}

Nesse cenário progressista político democrático, proporcionado pela Revolução Industrial, possibilitou com que as mulheres pudessem se ver como semelhantes aos homens, ao trabalhador e ao cidadão; podendo alcançar a independência econômica e romper com os laços que as prendiam ao pai e ao marido. O espaço democrático também deu abertura para igualdades de direito para ambos os gêneros, impulsionando o surgimento do feminismo, cujo o objetivo da sua prática consistia em um movimento coletivo, social e político. Ainda que se encontre escritos e gestos feministas anteriores ao século XIX, o feminismo aponta na prática revolucionária de 1789 e surge posteriormente em 1830.^{XXXIV}

No entanto, na França, mais do que em outros lugares, o círculo de cidadania ofertado às mulheres, dos direitos cívicos e políticos, se tornou especialmente resistente e fechado. Variados obstáculos foram criados para que as mulheres não conquistassem o direito ao voto. Movimentos sufragistas utilizaram de documentos argumentativos em prol do alcance dessa conquista, como: a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* (1791), de Olympe de Gournay, que conta com dezessete artigos que reivindica a total igualdade na política; e com *De l'administration des femmes au droit de Cité* (1790), de Condorcet, que defendeu fielmente o direito das mulheres à cidadania e a qualidade de vida por inteiro, ao menos para as mulheres “esclarecidas”. No entanto, os homens da Revolução recusaram esse direito as mulheres, assim como o direito à palavra e à escrita.^{XXXV}

Ainda que na prática a Revolução Francesa tenha agido com pouca mudança na vida das mulheres, se tornou um importante episódio na história da luta feminista, pois os direitos das mulheres fossem trazidos a atenção dos legisladores, como foi o caso do direito ao voto. A sorte das mulheres só iria mudar quanto ao reconhecimento dos homens porque iriam aprender a trata-las melhor sob a nova atmosfera moral.^{XXXVI}

Assim como na Europa, nos Estados Unidos da América também houve luta dos movimentos sociais feministas, que se iniciou nas últimas décadas do século XIX. Suas causas estavam voltadas ao sufrágio e a luta pela igualdade de direitos. Depois de um “chá entre amigas”, em 13 de julho de 1848, onde as mulheres reunidas debateram sobre as suas insatisfações quanto falta de liberdade prometida as cidadãs mulheres após a luta da revolução estados unidenses – acontecida 70 anos antes. O debate intitulado por *Declaration of sentiments*, onde Elizabeth Cady Stanton demonstrou os pontos da cidadania onde as mulheres eram tratadas diferente dos homens. A convenção permaneceu presente na rotina dessas mulheres que discutia questões sociais, civil, condição religiosa e direito das mulheres, e garantiu em 1920 o direito ao voto feminino.^{XXXVII}

Nessa primeira fase, onde se manifesta os primeiros sinais do feminismo, as mulheres tiveram poucos avanços. Ainda que sua voz não tenha alcançado os reais objetivos das suas reivindicações, a mulher consegue ser ouvida e inaugura o caminho para seu reconhecimento como Sujeito e Objeto da história. A não concretização de suas reivindicações acaba por despertar a conscientização sobre a ideia de dominação, onde se identifica como um conceito universal e que seu principal objetivo inclui a exclusão das mulheres da esfera da vida pública.

ALMEIDA, D. F. DE

Tomar esse ponto de vista, proporcionou o interesse nas relações de homens e mulheres nos sistemas históricos de poder.^{XXXVIII}

Na década de 1960, surge uma Segunda Onda do Feminismo, que estaria voltado para intensos debates e questionamentos que iriam além das questões sociais, políticas e econômicas. O objetivo é investigar e explicar os problemas que levariam às mulheres a condição de inferioridade e invisibilidade social e política na sociedade que, historicamente, foram vivenciados por elas. A história da mulher não se limitaria somente a uma história interpretativa e descritiva, mas uma história analítica capaz de resolver problemas sociais que a muito se busca respostas.^{XXXIX}

Perrot afirma que nessa nova fase da participação feminina se dá de maneira argumentativa. A história das mulheres nasce no campo mais vasto das ciências humanas, de maneira desequilibrada entre os sexos. Esse surgimento não é exclusivo da França, ele se dá também nos Estados Unidos, que faz uso, até mesmo, de elementos pouco usados na Europa para a construção de uma ciência feminina. Na França, a publicação do livro de François Thêbaud, *Écrire l'histoire des femmes* (1981) reuni na mais detalhada olha a história das mulheres. O surgimento da obra foi impulsionado por três fatores: científicos, sociológicos e políticos^{XL}.

Nos feminismos ocidentais contemporâneos, ocorrem variados conceitos sobre os direitos e as identidades, de formas específicas que servem para definir e agregar poder ao sujeito mulher. Essa diversidade de concepções se encontrou através da seguinte questão: “O que é uma mulher?” Na filosofia, essa clássica pergunta de destaque se deu através de Simone de Beauvoir, que acabou por se tornar uma referência para as feministas da década de 70. Nos Estados Unidos, o movimento feminista fez uso da reflexão de uma jornalista e feminista, Betty Friedan, primeira presidente da NOW (Nacional Organization for Women), para despertar a conscientização da mulher estadunidense sobre a sua existência. Através da obra, *A Mística Feminina*, Friedan expõe inúmeras páginas de denúncia à condição da mulher da sua época, se tornando um dos livros mais influentes do século XX.

O fator científico estaria ligado à crise dos grandes paradigmas explicativos e à aperfeiçoamento do contato disciplinares entre 1960 e 1970. Ao se aproximar da Antropologia e da etnologia, levantava a questão a diferenciação sexual em matéria de casamento: taxa, idade, celibato, mortalidade, etc, na obra *L'Historie de la famille*, dando a importância com base nas “estruturas familiares”. Podemos identificar esse levantamento histórico a partir das obras de George Duby, que a partir dos anos 70, ganha destaque quanto ao silêncio das mulheres. Na Sociologia, a presença das mulheres no nível universitário, e posteriormente no meio docente, favoreceu o nascimento de novas expectativas, surgindo novos questionamentos, resultando em cursos e pesquisas sobre as mulheres.

A demanda social (expressão presente na década de 80) agiu junto as forças políticas que resultaram no *Mouvement de libération des femmes* (MLF) que não tinha a intenção de fazer história, mas de conquistar o direito a contraceptivos, ao aborto, e à dignidade do corpo da mulher, como fruto da sua própria escolha. No entanto, o movimento despertou também para uma segunda necessidade: um desejo de memória, de reencontrar traços – figuras, os acontecimentos, os textos. O presente, por sua vez, se tornaria responsável por submeter o passado a infinitas análises, sujeito à correções, acréscimos e revisões.^{XLI} O autor François Bédarida utiliza como exemplo um palimpsesto: “o tempo presente é reescrito indefinidamente utilizando-se o mesmo material, mediante correções, acréscimos, revisões – imagem que remete o âmagô do processo de reescrita[...]^{XLII} Despertou uma vontade de fazer crítica ao saber constituído, pelo questionamento de diversos parâmetros fundados, como: a ideia de universal,

ALMEIDA, D. F. DE

de natureza, a diferença entre os sexos, as relações do público e o privado, o problema de valor, da neutralidade da linguagem, entre outros. Com isso, resultou na organização de colóquios, seminário e cursos.^{XLIII}

Nos Estados Unidos a história das mulheres já se encontra institucionalizada. Há uma disponibilidade de cargos destinados às pesquisadoras de história – com frequência nas grandes universidades – sendo recompensadas com um reconhecimento científico nos campos históricos e geográficos. Podemos identificar uma grande produção de artigos, livros e resenhas publicados, muitas vezes em grandes revistas de história geral. O primeiro livro premiado foi Bancroft, *Cradle of the Middle Class: The Family In Oneida County, New York, 1780-1865*, de Mary Ryan, foi publicado em 1981. O livro de Suzanne Lebsock, *Free Women of Petersburg* foi o segundo, menos de cinco anos depois, seguido um ano mais tarde pelo de Jacqueline Jones, *Labor of Love, Labor of Sorrow*.^{XLIV}

A Terceira Onda do Feminismo se iniciou em 1990. Nessa fase, atual, se tem a ideia de que as mulheres seriam diversas. O feminismo passa a se organizar por grupo de representatividades, como: Feminismo Negro, Feminismo Liberal, Feminismo Marxista, Feminismo Radical, Feminismo Interseccional, Transfeminismo, Lesnofeminismo e Feminismo Anarquista. As pautas consistiriam em, além de questões de gênero, questões de classes, raça, as diversidades de gênero, sexualidade, violência de gênero, inclusão das mulheres na política, e outras.^{XLV}

Ao mesmo tempo que o feminismo se torna múltiplo, ele se torna globalizado através das redes sociais. A maneira como as manifestações das mulheres ocorre tornaram as lutas com um poder de alcance maior. A partir dos anos 2000, o movimento das mulheres acontece de maneira cibernéticas. Com o surgimento do Facebook em 2004, do Twitter em 2006 e do Instagram em 2010, os movimentos feministas mais famosos passaram a se organizar e expor suas pautas através da mobilização das mídias sociais.^{XLVI}

A tratativa iniciada na Segunda Onda se mantém presente na Terceira Onda. A desconstrução do binarismo já tratada por Simone de Beauvoir, se aperfeiçoa através de Judith Butler, que tenta ultrapassar as barreiras do binarismo sexual por meio de discussões de pautas específicas, afim de atender ao público não binário (ou seja, que não se identifica nem como homem nem como mulher).^{XLVII}

Atualmente, podemos identificar que o advento do feminismo se tornou mais inclusivo, pois o uso da internet possibilitou as mulheres a expor suas inquietações em relação a sociedade patriarcal. Hoje em dia podemos afirmar que para ser *feminista* não é preciso participar de grupos de mulheres ou manifestações, basta usar a internet para se informar, defender uma causa, conhecer seus direitos e partilhar da importância do feminismo. A internet se tornou um instrumento que incentiva o pensamento crítico e tem o poder de influenciar diretamente, tanto a vida pessoal quanto em sociedade.

Os movimentos ocidentais feministas ocorrem quase que da mesma forma, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, compostos por esses três momentos da ação feminista. O processo de reconhecimento e colocação das mulheres na história mudou energicamente nos últimos 50 anos. Do silêncio aos barulhos das redes sociais, as mulheres puderam ocupar seu lugar na sociedade, expor suas escolhas, suas opiniões, suas vontades e mostrar a sua capacidade de ocupar espaços, independente, das suas características biológicas.

Podemos concluir, que ao tomar a história com o propósito de entendimento sobre o passado e o presente, cria-se uma perspectiva capaz de questionar o sistema de regras, valores morais, conceitos e significados produzidos na história. Esse resultado crítico, proporciona

ALMEIDA, D. F. DE

mudanças, e no caso das mulheres, reforçou às lutas através dos movimentos sociais simbolizam a sua preocupação com seu presente e seu futuro. Os historiadores das mulheres foram capazes, de forma gloriosa, descobrir as experiências femininas no passado e para oferecer uma interpretação crítica, capaz de despertar o interesse social por mudanças na realidade de uma sociedade patriarcal. Esse desenvolvimento resultou na formação da consciência feminista e da conscientização da desigualdade entre os sexos.

Conclusão

Através da negação do protagonismo feminino, a história impediu, por muito tempo, com que as mulheres tivessem um reconhecimento como sujeito. A história contemporânea foi capaz de mostrar a participação ativa das mulheres na História, trazendo à tona as produções literárias, o pensamento feminino, as conquistas pelo seu espaço na sociedade e seu reconhecimento a partir de si mesma. A partir desses estudos surge a possibilidade do conhecimento de um mundo feminino, de forma a explorar as visões do mundo através de uma perspectiva feminina.

Por meio das vozes das mulheres, das palavras, experiências, pensamentos e desejos, elas deixam de lado o silêncio da qual lhes foram impostas. O fim do silêncio significa uma expressão, uma comunicação, afim de favorecer e contribuir na transformação da condição feminina. A análise histórica sobre o tempo presente é capaz de proporcionar o resgate do cotidiano, das histórias individuais e coletivas, afim de contribuir para a reconstrução da História e de uma identificação social com o gênero feminino.

Identificar o sentido de um acontecimento que leva a uma ruptura com o tradicional, é recusar as ordens de um poder. É reconhecer, através do espírito do historiador, que a história das mulheres avança, de forma desejável, para que as visões e diferentes pontos de vista sejam reconhecidos e analisado, para acrescentar a visão histórica da humanidade.

NOTAS

^I Mestranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, linha de pesquisa: Poder e Discurso em Estudos de Gênero. Bolsista pela CAPES. Bacharelada e licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: danubiaa@id.uff.br.

^{II} TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007.

^{III} VENGOA, H. F. **La historia del tiempo presente: una historia en construcción**. Historia Crítica, núm. 17, julio-diciembre, 1998, p. 55

^{IV} BÉDARIDA, F. **Tempo presente e presença da história**. Usos & Abusos da História Oral. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 219

^V PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros** Tradução Denise Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 178

^{VI} DOSSE, F. **História do tempo presente e historiografia**. Revista Tempo e Argumento, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 05 - 22, jun. 2012.

^{VII} BÉDARIDA, F. **Tempo presente e presença da história**. Usos & Abusos da História Oral. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 223

^{VIII} Ibidem, p. 229

^{IX} TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007, p. 31

^X TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007, p.34

^{XI} PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru: EDUSC, 2005 P. 34

- XII *Ibidem*, p 34
- XIII *Ibidem*, p. 13
- XIV *Ibidem*, p. 13
- XV *Ibidem*, p. 13
- XVI *Ibidem*, p. 42
- XVII *Ibidem*, p. 13
- XVIII DOSSE, F. **História do tempo presente e historiografia**. Revista Tempo e Argumento, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 05 - 22, jun. 2012, p. 11
- XIX *Ibidem*, p. 16
- XX TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007, p.35
- XXI VENGOA, H. F. **La historia del tiempo presente: una historia en construcción**. Historia Crítica, núm. 17, julio-diciembre, 1998, p. 50
- XXII *Ibidem*, p. 48
- XXIII *Ibidem*, p. 49
- XXIV TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007, p. 31
- XXV BEAUVOIR, S. **O segundo sexo, II. A experiencia vivida**. Volume 2. Tradução: Sergio Milliet. - Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 p. 11
- XXVI *Ibidem*, p. 10
- XXVII *Ibidem*, 2016
- XXVIII HARDING, S. **A instabilidade das Categorias Analíticas na Teoria Feminista**, in Revista de Estudos Feministas, vol.1, n.º.1, Rio de Janeiro CIEC/ECO/UFRJ. 1993, p. 9
- XXIX DOSSE, F. **História do tempo presente e historiografia**. Revista Tempo e Argumento, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 05 - 22, jun. 2012
- XXX *Ibidem*, p. 20
- XXXI PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru: EDUSC, 2005, p. 318
- XXXII *Ibidem*, p. 319
- XXXIII SCOTT, J. W. **Gênero e Historia**. Tradução de Consol Villa I. Boadas – México: FCE, Universidade Autónoma de la Cidade de México, 2008, pp. 177 - 206
- XXXIV PERROT, M. **História das mulheres do Ocidente**. O Século XIX, Tradução: Claudia Gonçalves e Egito Gonçalves – Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 11
- XXXV PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru: EDUSC, 2005, p. 459
- XXXVI NYE, A. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1995, pp. 22-24
- XXXVII EISENBERG, B.; RUTHSDOTTER, M. **History of the Women’s Rights Movement**. The National Women’s History Alliance. 2016, pp. 36-47
- XXXVIII PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru: EDUSC, 2005, p. 263
- XXXIX *Ibidem*, p. 15
- XL *Ibidem*, p. 15
- XLI *Ibidem*, p. 17
- XLII BÉDARIDA, F. **Tempo presente e presença da história**. Usos & Abusos da História Oral. AMADO, J., FERREIRA, M. de M. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 221
- XLIII *Op. cit*, 2005, p. 17
- XLIV TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007, p. 33
- XLV MARTINEZ, F. **Feminismos em movimento no ciberespaço**. Cadernos Pagu, n. 56, 2019
- XLVI *Ibidem*, 2019
- XLVII *Ibidem*, 2019

Referências Bibliográficas:

MARTINEZ, F. **Feminismos em movimento no ciberespaço**. Cadernos Pagu, n. 56, 2019

TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007.

VENGOA, H. F. **La historia del tiempo presente: una historia en construcción**. Historia Crítica, núm. 17, julio-diciembre, 1998.

BÉDARIDA, F. **Tempo presente e presença da história**. Usos & Abusos da História Oral. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros** Tradução Denise Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

DOSSE, F. **História do tempo presente e historiografia**. Revista Tempo e Argumento, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 05 - 22, jun. 2012.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru: EDUSC, 2005.

HARDING, S. **A instabilidade das Categorias Analíticas na Teoria Feminista**, in Revista de Estudos Feministas, vol.1, n.º.1, Rio de Janeiro CIEC/ECO/UFRJ. 1993

SCOTT, J. W. **Género e Historia**. Tradução de Consol Villa I. Boadas – México: FCE, Universidade Autónoma de la Cidade de México, 2008

NYE, A. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1995.

EISENBERG, B.; RUTHSDOTTER, M. **History of the Women’s Rights Movement**. The National Women’s History Alliance. 2016.